



# Cavaleiros, Dragões e Outras Coisas Mais.

TULIO FERNEDA

Cavaleiros,  
Dragões  
e Outras Coisas Mais

Tulio Ferneda

---

Ferneda, Tulio

Cavaleiros, Dragões e Outras Coisas Mais / Tulio Ferneda.  
Bragança Paulista: edição do autor, 2023.

ISBN: 978-65-00-63200-2

1. Literatura infantojuvenil. 2 Aventura. 3 Fantasia.

I. Título

CDD-028-5

Bibliotecária responsável: Samanta do Prado CRB/8 SP-010477/O

# Sumário

Um Cavaleiro e seu Escudeiro.....	4
A Floresta Sombria .....	7
A Torre Mais Sombria Ainda .....	13
A Montanha do Dragão .....	21
O Vilarejo do Reino .....	30
Homem-Lagarto e Anão.....	35
O Mago da Cabana .....	38
A Terra do Gelo.....	42
O Cristal de Elinor .....	48
O Fim do Feitiço .....	54
O Covil do Duende.....	63
Honras e Méritos .....	71

# Um Cavaleiro e seu Escudeiro

Era uma vez um cavaleiro, alto e forte, com armadura de prata, chamado Lorde Tobias de Brumas Valentes. Sim, seu nome era longo e pomposo, muito bom para um cavaleiro.

Seu melhor amigo era um jovem camponês, magro e de pernas finas, chamado William. Isso mesmo, um nome curto e comum naqueles tempos, adequado para um camponês.

Mas como um cavaleiro ficou amigo de um camponês? Bom, isso aconteceu no dia em que William salvou a vida de Tobias.

Foi um acidente. Tobias passava pelos campos de trigo com seu cavalo, quando um rato do campo assustou o animal.

O cavalo empinou de susto e galopou a toda velocidade. Tobias caiu perto de uma árvore.

— Mas que cavalo medroso... Tem medo até de um ratinho! — Disse William.

Tobias ficou bravo, sacou a espada e disse:

— Pois venha cá que eu te mostro quem é medroso, camponês abusado!

Sem perceber, Tobias estava perto de um cacho de abelhas e bateu com a espada, fazendo o cacho cair. As abelhas saíram voando enfurecidas atrás do cavaleiro. Ele ficou branco de medo e correu mais rápido que um alce fugindo de um leão.

Tobias estava sem armadura naquele dia e foi picado pelas abelhas. O coitado era alérgico e ficou até com a ponta do nariz inchada.

Mas William salvou a vida dele, pois conhecia um remédio feito com ervas do campo.

— Muito obrigado. Qual é o seu nome, rapaz?

— Meu nome é William, senhor.

— William, você salvou minha vida. Preciso de um homem como você ao meu lado, em minhas aventuras. Não gostaria de ser meu escudeiro?

— Eu aceito. E como seu escudeiro, posso dar um conselho?

— Mas é claro!

— Quando chegar perto de abelhas, senhor, use sua armadura.

E assim os dois deram uma boa risada. Naquele dia, uma grande amizade começou.

## A Floresta Sombria

— Meu caro William, qual deve ser nossa primeira aventura? — Perguntou Tobias, querendo saber a opinião do seu mais novo escudeiro.

— Bom, acho que todo cavaleiro deve passar por uma floresta sombria, senhor.

— Uma floresta sombria? Tem certeza?

— Claro. Um cavaleiro deve provar sua coragem, passando pelos lugares mais assustadores do mundo.

— É necessário mesmo? Não podemos passar pelos campos verdejantes?



— Lamento, a floresta sombria é um desafio obrigatório. O senhor mesmo deveria saber disso. Desse modo, todos verão sua coragem.

— Tem razão... Todos verão minha coragem que eu tenho de sobra! — Disse Tobias, empunhando a espada.

— E eu estarei ao seu lado, senhor. — Disse o escudeiro.

— Sim, você estará, William. E saiba que eu iria sozinho até a mais sombria das florestas, sem hesitar. Mas como você é meu escudeiro, devo permitir que esteja sempre ao meu lado.

— Mas é claro, senhor. Por isso, sou grato.

E assim, Lorde Tobias e seu fiel escudeiro, William, foram à floresta sombria.

O local tinha muitas árvores altas e escuras, que não deixavam a luz do sol entrar. Os caminhos eram tortuosos, no meio daquela escuridão. E dali se ouvia o rastejar de criaturas misteriosas, escondidas nas sombras, e o som das corujas no alto dos troncos.

Lorde Tobias ia montado em seu cavalo branco, Léguas, avançando lentamente, enquanto William caminhava ao seu lado.

— É disso que eu falava, mestre! Quando todos souberem que passou por aqui, você terá fama e glória. Não está feliz?

— Muito... Muito feliz, caro William... — Disse Tobias, gaguejando e trêmulo dos pés à cabeça.

— Está com frio, meu senhor?

— Não, não tenho frio. Por que a pergunta, William?

— O senhor está tremendo tanto, até parece que estamos numa nevasca.

— Mas é claro, é isso mesmo... Agora que você falou, sinto que estou com frio... Como deixou que eu saísse numa aventura sem uma roupa mais quente?

— Me perdoe, senhor. Isso não se repetirá.

Por um momento, William acreditou que seu mestre estava mesmo com frio. Mas quando ouviram o arrepiante uivo de um lobo, o cavaleiro ficou tão branco que desmaiou na mesma hora e caiu do cavalo.

William não esperava por aquilo. Nem mesmo o cavalo, que tinha medo de ratos, se assustou com o lobo, mas Lorde Tobias caiu durinho feito pedra.

— Senhor, você está bem? Acorde, mestre.

Mas não adiantava. William deu até uns tabefes no rosto do mestre, para ver se ele acordava, mas nada aconteceu. O homem estava em sono profundo.

— Isso é muito embaraçoso, Léguas. Temos que admitir a verdade: nosso mestre é um covarde.

O cavalo encarou William com um olhar sério, como se já soubesse da covardia do seu dono.

— Mas não se preocupe, Léguas. Não vou contar a ninguém.

E então, William fez o que todo bom escudeiro teria feito: colocou o mestre deitado no cavalo, com a barriga para baixo, as pernas de um lado e os braços do outro. E terminou de atravessar a floresta, puxando Léguas pelas rédeas.

## A Torre Mais Sombria Ainda

Quando Tobias acordou, viu que estava deitado na grama. Léguas estava ali perto, comendo um pouco de capim. E William logo apareceu:

— Que bom que acordou, mestre.

— Onde estamos, William? O que aconteceu?

— Aconteceu que o senhor atravessou a floresta.

— Atravessei?

— Oh, sim. Foi uma travessia das mais lendárias. Os bardos contarão essa história nas tavernas do reino.

— Então eu fui corajoso?

— Meu senhor, não se lembra de nada? Pois não conheço homem com o mesmo nível de coragem que o senhor!

Tobias estava confuso. Ele não podia admitir ao seu escudeiro que não se lembrava de nada. Então se levantou e disse:

— Pois bem, agora estou me lembrando. Foi uma longa jornada, uma floresta arrepiante. Poucos homens teriam conseguido, mas nós vencemos o medo. E você sempre ao meu lado, William. Deve estar aliviado agora.

— Sim, estou aliviado... A floresta ficou para trás...

— Ainda bem, não é? Mas diga-me, William, onde estamos agora?

— Na torre mal-assombrada.

— Mal-assombrada?! — Perguntou Tobias, engolindo em seco.

— Sim, senhor. Dê uma olhada, ela está logo ali na frente. É a torre mais sombria de todo o reino. Dizem que um fantasma mora ali e espanta os visitantes. Será ótima para sua fama de cavaleiro.

E então, finalmente Tobias viu a torre. Era uma construção antiga, não muito alta, mas feita de pedras escuras em ruínas, cheias de musgo, perdida no meio de um pântano. Uma névoa branca e o som dos corvos deixavam o local ainda mais assustador.

O cavaleiro ficou branco de medo e começou a suar frio.



— Não se preocupe, mestre. Essas histórias de fantasmas devem ser apenas lendas. Você não acredita nelas, não é?

— É claro que não. Um nobre como eu sabe muito bem que fantasmas não existem...

— Então o senhor vai subir?

— Subir? Você diz, no alto da torre?

— Sim, lá no alto.

— É mesmo necessário? Não podemos dar a volta?

— De forma alguma, senhor. É no alto das torres que ficam os melhores tesouros! E você vai querer uma prova de que esteve aqui.

— Uma prova?

— Para mostrar ao povo. Assim todos saberão da sua bravura.

— Tem razão, William. Devo subir a torre.

William não acreditou no que viu. Lorde Tobias realmente sacou a espada e caminhou até a porta da torre. Chegando lá, ele respirou fundo, contou até três e gritou:

— Seja o que Deus quiser!

E assim o cavaleiro entrou na torre a toda velocidade, subiu correndo a escadaria e chegou ao terraço golpeando o ar com a espada. Quando viu que ali não havia ninguém, parou para respirar.

— Tudo bem aí em cima, mestre?! — Gritou William lá debaixo.

Tobias respondeu com um grito meio fraco:

— Claro... Estou bem, William... Mas se puder vir aqui comigo... Acho que me bateu aquele frio, sabe? Traga uma tocha acesa, por favor.

William acendeu uma tocha e subiu. Quando chegou ao topo, a luz da tocha iluminou o terraço, que estava em completa escuridão.

— Ah, sim. É muito melhor com você aqui, William... Digo, com o calor da tocha. Assim não passo mais frio.

— Fico feliz em ser útil. Ainda mais com esse esqueleto aí atrás.

— Esqueleto?! — Tobias paralisou de medo. Ele se virou lentamente para trás e...

— Ahhhh!!! Meus Santinhos!!!

Ali estava o esqueleto completo de um cavaleiro, ainda com uma espada presa à cintura e um elmo na cabeça.

— Não se preocupe, mestre. Ele está morto. E está sorrindo, não vê? Acho que não nos fará mal.

De fato, o esqueleto sorria, pois era possível ver todos os seus dentes.

— Menos mal, William... Assim fico mais calmo... Eu estava preocupado com a sua segurança, é claro.

— É claro, meu senhor.

Mas então, eles ouviram uma risada maligna, que ecoou e fez gelar a espinha dos dois:

— Ha, ha, ha! Pobre cavaleiro que veio à minha torre! Será capaz de me vencer num duelo?

Era o esqueleto, que ganhou vida e sacou a espada, saltando para enfrentar o cavaleiro em combate.

Tobias ficou mais branco que um fantasma e desmaiou, caindo do alto da torre. Por sorte, a torre não era muito alta e ele caiu num arbusto do pântano. O susto foi tão grande que até a espada lhe escapou das mãos lá em cima, antes da queda.

William pegou a espada do mestre e duelou com o esqueleto até derrotá-lo. No final, quem achou ali um tesouro foi o escudeiro: ele encontrou sua própria coragem, uma coragem que não conhecia até aquele momento.